

A propósito do livro de John L. Allen sobre o Opus Dei

Marc Carroggio, responsável internacional do Gabinete de Imprensa do Opus Dei em Roma, fala sobre o livro publicado por John L. Allen: “Opus Dei: um olhar objectivo para lá dos mitos e da realidade da mais controversa força da Igreja Católica” (Alêtheia editores). Entrevista publicada pela Agência Zenit.

05/01/2006

O responsável do Opus Dei, em Roma, das relações com os jornalistas internacionais, Marc Carroggio, reconhece que “está satisfeito” com o livro que o jornalista vaticano John L. Allen acaba de lançar: «Opus Dei, um olhar objetivo para lá dos mitos e da realidade da mais controversa força da Igreja Católica», com edição original em inglês (*Opus Dei, An Objective Look Behind the Myths and Reality of the Most Controversial Force in the Catholic Church*), e já editado também em português (Alêtheia Editores) e coreano.

Marc Carroggio refere à agência Zenit que este é o primeiro livro que compara desapaixonadamente os “mitos” sobre a Obra (nome com o qual se conhece o Opus Dei) com a realidade.

O livro, editado pela editora Doubleday é uma reportagem

jornalística, esclarece este porta-voz, e afirma que “o autor compreendeu bem a natureza do Opus Dei”.

Nesta entrevista, Marc Carroggio revela a motivação principal dos membros do Opus Dei: “seguir um ideal espiritual que nos entusiasma” e, para além do mito que envolve esta organização, constata que “somos gente de carne e osso, com erros e acertos”.

– Deve estar satisfeito: o livro desmonta todos os tópicos sobre o Opus Dei.

– Carroggio: Trabalhei no Gabinete de Informação em Roma enquanto John L. Allen escrevia este livro. Não posso negar que estou satisfeito, e não me refiro tanto ao resultado como ao método.

Penso que o autor reúne muitos dados, depois de investir centenas de horas a recolher informações e

opiniões de todo o tipo. Situa os dados no seu contexto, de maneira que se pode entender o porquê de muitas actuações; ouviu as duas partes e tratou ambas com respeito. Por último, deixa que o leitor tire livremente as suas conclusões.

Penso que são qualidades muito apreciáveis num livro deste estilo. Os “lugares comuns” são obstáculos para o diálogo e para o debate desapaixonado. Neste sentido, qualquer esforço por demonstrar falsos ´clichés” é positivo.

As comparações podem ser odiosas, mas não posso deixar de assinalar que o autor do Código Da Vinci nunca esteve num centro do Opus Dei, e que eu saiba nunca falou com uma pessoa do Opus Dei.

O retrato da Obra que pinta no Código só existe na sua imaginação. Penso que o trabalho de Allen pode servir para que muitos leitores desse

romance, que não conhecem o Opus Dei em primeira mão, fiquem a saber que não somos “nem anjos nem demónios”. Somos gente de carne e osso, com erros e acertos, com defeitos e com desejos de seguir um ideal espiritual que nos entusiasma.

– Tal como diz no livro, o autor teve acesso a documentos que não estão ao alcance do público. Esteve em centros do Opus Dei para numerários, entrevistou dezenas de pessoas da Obra, imbuiu-se do que significa “ser do Opus Dei”. Para si, o que é que lhe faltaria para compreender melhor o Opus Dei?

– Carroggio: Penso que o autor compreendeu bem o Opus Dei, a natureza da sua mensagem, as razões das suas propostas, a forma de vida dos seus fiéis: os nossos ideais e também as nossas limitações.

Este livro é uma reportagem jornalística, não é uma tese de teologia ou um tratado de história da Igreja. A abordagem é mais do tipo sociológico, embora dê grande atenção à dimensão espiritual. O próprio autor sublinha que o seu propósito não é explicar de modo exaustivo o Opus Dei, mas comparar os mitos com a realidade.

Por isso, dedica muito espaço a assuntos que são relativamente secundários na vida do Opus Dei, mas que têm sido objecto da atenção dos meios de comunicação, sobretudo nos Estados Unidos.

Neste sentido, haveria muito mais a dizer sobre a experiência espiritual decorrente da pertença ao Opus Dei e sobre a motivação profunda que leva a seguir este caminho de procura da santidade no meio do mundo: a consciência da vocação cristã, o desejo de imitar Jesus Cristo

precisamente no trabalho, na família e na vida do dia-a-dia.

Numa instituição da Igreja, os aspectos pessoais, existenciais, são mais importantes que os esquemas organizativos ou as questões de imagem.

– Na sua pesquisa, John L. Allen deu voz também a ex-membros do Opus Dei. Parece-lhe ter dado demasiado espaço a estes testemunhos?

– Carroggio: O livro é uma reportagem jornalística, não é uma reflexão sobre questões de princípio. É o resultado de um grande número de entrevistas com pessoas em diferentes situações. Neste tipo de trabalho, é o próprio jornalista quem determina o equilíbrio entre as fontes. Eu respeito a sua decisão, que me parece totalmente legítima.

Pessoalmente, penso que o autor explica bem que esse tipo de críticas são muito diferentes daquelas que nascem, para dizer de alguma maneira, da fantasia de romancistas. É fácil demonstrar que o Opus Dei não está detrás de planos sinistros e conspirações que com alguma frequência lhe são atribuídas.

O caso muda quando se trata de uma pessoa que teve uma experiência negativa. A uma ferida, uma dor, uma má recordação não se responde com um desmentido. Já não estamos diante uma mera questão de verdade ou mentira. Em face de uma experiência negativa, é preciso expressar respeito, partilhar a dor, ainda que às vezes não se partilhe a interpretação dos factos.

É um facto que os fiéis do Opus Dei vivem a sua entrega a Deus com plena liberdade, e que essa entrega os ajuda a experimentar a felicidade,

uma felicidade relativa dentro do que é possível neste mundo.

Por isso, a grande maioria dos homens e das mulheres que se aproximam dos centros da Obra conservam boas recordações para a vida inteira. Mas nem sempre é assim. Por isso não me parece errado, pelo contrário, que um livro como o de John L. Allen se faça eco desses casos, que penso que são exceções.

Quando o autor abordou o Prelado sobre esta questão, D. Javier Echevarría disse que pedia perdão de todo o coração às pessoas que não se sentiram bem tratadas. Como pode compreender, eu não tenho nada a acrescentar.

– Gostaria de uma “segunda parte” deste livro?

– Carroggio: Cada livro é único. Essa é sua força, parece-me. Embora o

livro de John L. Allen não seja apenas um livro sobre controvérsias, nele pesam muito as questões polémicas. Na minha opinião, trata esses temas correctamente e oferece dados factuais em vez de explicações tendenciosas ou ideológicas.

Além disso, o autor faz um esforço por resumir alguns traços essenciais do Opus Dei: filiação divina, liberdade, santificação do trabalho e da vida corrente, etc.

Gostaria que um futuro livro desenvolvesse mais estes aspectos, mas precisamente em forma de reportagem jornalística: um livro que conseguisse contar com frescura a experiência da vida cristã no meio do mundo. O admirável apoio que tanto a fé como a oração significam para a vida quotidiana, também nos momentos mais difíceis como a doença física ou psíquica, a perda do trabalho ou a morte de um ente

querido. Há uma longa história para contar.

ZENIT.org

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/a-proposito-do-
livro-de-john-l-allen-sobre-o-opus-dei/](https://opusdei.org/pt-pt/article/a-proposito-do-livro-de-john-l-allen-sobre-o-opus-dei/)
(24/01/2026)